

Reflexões sobre a filosofia da história em Kant

Dominique Vieira Coelho dos Santos
Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás.
SroDomeniko@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre a filosofia da história em Kant, partindo do próprio Kant em seu texto: “*Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*”. Kant é um dos mais importantes filósofos do ocidente, suas investigações sobre epistemologia são fundamentais para a história da ciência e filosofia moderna. A maioria dessas investigações se refere à faculdade de julgar e os limites da razão humana, sendo o ápice de sua obra as três críticas. Serão analisadas aqui as nove proposições kantianas sobre a história humana, visto que nelas se encontra resumidamente o seu pensamento sobre história. Esse exercício é de fundamental importância para o pensamento teórico da história enquanto ciência (Geschichtswissenschaft).

Palavras-Chave: Kant, epistemologia, história.

Abstract: This article foccus the history philosophy of Kant, considering what is said in his own text: "It's a universal history idea of cosmopolitan point of view". Kant is one of the most important philosophers of Western. His inquires of epistemology are basic for the history of science and modern philosophy. The majority of these inquires refers to the ability of judging and the limits of the reason human being and the apex of his workmanship is the three critical ones. The nine Kant's proposals about the human being history will be analyzed following this text, because these proposals shows a little explanation of his thoghts about the history. This is very important to the teoric thought of history when it is considered science (Geschichtswissenschaft).

Keywords: Kant, epistemology, history.

O que pretendo é analisar: “*Uma idéia de história universal de um ponto de vista cosmopolita*”, tentando identificar uma filosofia da história em Kant, partindo deste texto. A oitava proposição kantiana, presente na obra em questão, seria capaz de expressar resumidamente essa filosofia da história. No entanto, preferi optar pela análise conjunta das nove proposições, apresentando-as em um texto dissertativo que contenha as conclusões acerca das mesmas. Escolhi esta obra, devido a sua relação com o que se pretende aqui: verificar como Kant pensa a história humana. Mas quando preciso for, buscarei auxílio em outros escritos do próprio Kant.

Immanuel Kant nasceu em uma pequena cidade da Prússia chamada Königsberg, agora Kaliningrado, Alemanha, era filho de um humilde artesão fabricante de arreios para cavaladuras. Estudou nesta mesma cidade, onde permaneceu até sua morte, em 12 de fevereiro de 1804, não se casou e nem teve filhos. Escreveu diversas obras, com destaque para as três críticas: a da razão pura, prática e a crítica da faculdade de julgar. O pensamento de Kant é um marco na história da filosofia ocidental tendo influenciado pensadores como Fichte, Schelling, Hegel e Schopenhauer. Dedicou-se de forma incansável as suas investigações acerca da razão, preocupando-se com problemas de metafísica, epistemologia, moral e estética; ao longo de toda sua carreira ministrou 268 cursos em várias áreas: lógica, metafísica, geografia física, ética, antropologia, física, matemática, jurisprudência, enciclopédia e história da filosofia, pedagogia, mecânica, mineralogia e teologia.

Não vou discutir aqui a história das publicações de Kant, algo que necessitaria de uma investigação à parte. Sobre este assunto pode ser consultado o dicionário Kant, escrito por um professor da Universidade de East Anglia, Inglaterra, chamado Howard Caygill. Este dicionário se encontra traduzido em português por Álvaro Cabral e publicado por Jorge Zahar Editor. Apenas desejo informar que “*Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*” faz parte dos textos mais curtos de Kant, publicados nas últimas duas décadas de sua vida na *Berlinische Monatsschrift*. Sendo este, publicado em novembro do ano de 1784. Segundo o dicionário Kant, quase todos os textos sobre a filosofia da história e as contribuições para as controvérsias políticas, religiosas e científicas do seu tempo vieram a lume somente nesta revista.

Ao longo de todo o seu texto sobre a história, Immanuel Kant sugere a ação de um plano secreto da natureza, um princípio teleológico como justificativa para ela. Segundo ele, as ações humanas são determinadas por leis naturais universais, não somente elas, mas como qualquer

outro acontecimento natural é determinado por tais leis. A história, que se ocupa em narrar essas manifestações, permite que com a observação das linhas gerais do jogo da liberdade da vontade humana, se descubra um curso regular. O que acontece é um desenvolvimento continuamente progressivo, lento, que pode ser reconhecido no conjunto da espécie humana. Assim sendo, os indivíduos não percebem que ao perseguir os seus propósitos particulares, estão colaborando sem saber para um propósito da natureza.

Os homens não se comportam como animais instintivos, mas também não se comportam como razoáveis cidadãos do mundo, o que faz uma história planejada impossível. A função então do filósofo, segundo Kant, é descobrir neste curso absurdo das coisas humanas, um propósito da natureza que possibilite uma história, segundo um determinado plano da natureza para as criaturas, ele deseja ver se consegue encontrar um “fio condutor para a história dos homens”, para que ao encargo da natureza fique gerar o homem que esteja em condição de escrever esta história segundo este fio condutor.

Todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a um dia se desenvolver completamente e conforme um fim. Existe um fio condutor da razão que coordena os homens e os conduz para a racionalidade plena, que não se desenvolverá nos indivíduos de forma total, mas sim na espécie. Kant aqui entende razão como a faculdade de ampliar as regras e os propósitos do uso de todas as suas forças, muito além do instinto natural, e que não conhece nenhum limite para os seus projetos. Justamente devido à razão não atuar de forma instintiva, mas sim precisar de exercícios, de tentativas e ensinamentos, para progredir aos poucos, de um grau de inteligência até outro, é que ela não pode se desenvolver de forma plena no indivíduo. Um homem precisaria de muito tempo para aprender a usar todas as suas disposições naturais, mas como a natureza não lhe concedeu este tempo, antes deu a ele um curto tempo de vida, ele necessita de indefinidas gerações que transmitam seus conhecimentos, suas luzes, termo que o próprio Kant usa em seu texto, para que a espécie atinja um elevado grau de desenvolvimento. A natureza não faz nada desnecessário, nada supérfluo, e usa de todos os meios para atingir os seus fins. Tudo o que é necessário para a caminhada da humanidade, neste processo rumo à racionalidade plena, foi dado pela própria natureza. O homem tira tudo de si mesmo, as coisas que o homem precisa são executadas por ele mesmo, é usando a razão, diferentemente dos animais, que se guiam apenas pelos instintos, que o homem consegue seus meios de subsistência, vestimentas, etc. Não o

indivíduo, pois este é mortal, mas a espécie que é imortal deve atingir a plenitude do desenvolvimento destas disposições.

Uma outra questão a ser pensada é a insociável sociabilidade dos homens, o que Kant entende por antagonismo. Na sociedade, os homens podem desenvolver suas disposições naturais e por isso se sentem mais como homens, em oposição, eles também têm uma forte tendência a se separar, pois encontram em si o forte desejo de conduzir tudo a sua maneira, para o seu proveito. Segundo Kant, é esta oposição que leva o homem a superar sua tendência à preguiça. Movido pela cobiça e pela ânsia de dominação, o homem busca o melhor para si. Isto acontece de forma necessária, pois por meio desta inquietação são dados os primeiros passos em direção à cultura, é por meio deste antagonismo necessário que os homens desenvolvem todas as suas potencialidades, desenvolvem todos os talentos, forma-se o gosto, e através de um constante iluminar-se, acontece à fundação de um modo de pensar que pode levar ao todo moral. Sem este antagonismo, segundo Kant, a humanidade não atingiria este fim, e nós devemos agradecer a natureza pela vaidade que produz a inveja competitiva e pelo desejo de ter e de dominar, porque sem eles, as excelentes disposições naturais permaneceriam num sono eterno. Isto segundo Kant é a obra de um criador sábio. Neste raciocínio sobre o antagonismo necessário, que Kant nos apresenta na quarta proposição, se encontra uma das mais famosas frases deste texto e que pode resumir esta questão: O homem quer a concórdia, mas a natureza sabe mais o que é melhor para a espécie e quer a discórdia.

O maior problema para a espécie humana, então, é alcançar uma sociedade civil que administre universalmente o direito. Este é o último e também o problema mais difícil que será resolvido pela espécie humana. Este antagonismo necessário deve ser superado, de modo que a liberdade de um membro da sociedade coexista com os demais. Deve haver uma constituição civil perfeitamente justa, esta é a tarefa da natureza para a espécie humana, um estado de coerção. Apenas com esta constituição civil a humanidade pode cumprir os propósitos naturais, pois somente na união civil as mesmas inclinações produzem o melhor efeito. O problema, é que o homem é um animal e precisa de um senhor, que o obrigue a obedecer a uma vontade universalmente válida, sem este, ele certamente abusaria de sua liberdade para com os seus semelhantes. O único lugar para se tirar este senhor é da própria espécie, aí se encontra o problema, pois este senhor é também sujeito as mesmas inclinações egoístas de sua natureza bestial, e do mesmo modo precisa de um senhor. Este supremo chefe tem que ser justo por si

mesmo e ainda tem que ser um homem, o que faz de sua solução perfeita impossível, sendo, segundo Kant, apenas possível uma aproximação desta idéia. A explicação que Kant dá para o fato de que isto é o último a se fazer, decorre de três pontos:

- esta tarefa exige conceitos exatos da natureza de uma constituição possível
- exige grande experiência adquirida através dos acontecimentos do mundo
- exige uma boa vontade predisposta a aceitar essa constituição.

Segundo ele, muito dificilmente podem ser encontrados juntos estes três pontos, isto somente pode acontecer tardiamente e após muitas tentativas.

O problema do estabelecimento de uma constituição civil perfeita depende do problema da relação externa legal entre Estados, e não pode ser resolvido sem que este último o seja. Estes são os mesmos problemas que impedem os indivíduos de viverem em uma constituição justa e perfeita: inveja, ganância, o desejo de dominar, egoísmo, etc. A constituição perfeita depende desta relação de um Estado para outro. Pela razão, estes Estados poderiam encontrar a perfeita relação sem que fosse necessário passar pelas tristes experiências da guerra e das misérias advindas dela. A natureza então, sábia, se serve do mesmo antagonismo inevitável para promover um estado tranqüilo e de segurança. A natureza conduz então os homens à “sair do estado sem leis dos selvagens para entrar numa federação de nações em que todo Estado, mesmo o menor deles, pudesse esperar sua segurança e direito não da própria força ou do próprio juízo legal, mas somente desta grande confederação de nações de um poder unificado e da decisão segundo leis de uma vontade unificada”. Desta forma Kant explica as guerras. Segundo ele, todas elas são tentativas de aprimoramento, de aprendizagem, são tentativas de estabelecer novas relações entre Estados, segundo o propósito da natureza. Tudo isso são meios que a natureza se utiliza para que o homem selvagem abdique de sua liberdade brutal e busque a tranqüilidade e segurança numa constituição conforme leis. O objetivo maior é um estado autômato, mas Kant nos deixa algumas possibilidades sobre esta questão:

- Deve-se esperar que por meio de choques ocasionais e todos os tipos de configuração, até que por fim alcance acidentalmente, uma configuração que se possa manter em sua forma?
- Deve-se aceitar que a natureza siga seu curso regular conduzindo a espécie da bestialidade até o grau supremo de humanidade por meio de uma arte que lhe é própria?

- Ou será que de todas as ações e reações do homem não advenha nada de sábio, que tudo ficará como era, e que não se pode saber se a discórdia nos prepara um inferno de males mesmo em um estado tão civilizado?

Estas três questões anteriores nos levam a mais uma, talvez mais complicada: Será mesmo racional aceitar a finalidade das disposições naturais em suas partes e, no entanto, a ausência de finalidade no todo?

Estas questões pairam sobre o já citado antagonismo que a natureza impõe a espécie humana, pois, como diz Kant, mesmo um poder unificador que introduza um Estado cosmopolita de segurança pública entre os Estados não elimina todo o perigo, para que as forças da humanidade não adormeçam. É um longo caminho a seguir, onde cada república deve formar seus cidadãos; enquanto os Estados empregarem todas as suas forças em propósitos expansionistas, ambiciosos e violentos, nada desse desenvolvimento pode ser esperado. Kant afirma que se assim acontecer, o gênero humano ficará nesta situação até que por seu próprio esforço, saia do estado caótico em que se encontram as relações entre os Estados. Pois ainda falta muito para nos considerarmos moralizados. Moral para Kant é um grau de desenvolvimento da razão onde cada ser humano desejará apenas imperativos categóricos, apenas o que for bom para a espécie e possa se tornar uma lei universal.

O problema em se investigar um curso do propósito da natureza está em saber se a experiência revela algo a respeito do mesmo, ao que ele mesmo responde dizendo que: revela muito pouco, pois este ciclo parece exigir muito tempo para cumprir-se. O que Kant diz na proposição oitava, completa o que já dissemos até agora. Pensando sobre como se encontrava o quadro de desenvolvimento dos planos secretos da natureza em sua época, concluiu que se os propósitos ambiciosos e expansionistas dos Estados e dos indivíduos não asseguram o progresso, pelo menos a manutenção dessa finalidade da natureza eles asseguram. A liberdade se estende, e o pensamento é ampliado cada vez mais com o Iluminismo, um grande bem ao gênero humano. Isto traz a esperança de que, depois de várias revoluções e transformações, finalmente um dia a natureza poderá cumprir o que tem como propósito supremo: um Estado cosmopolita Universal, onde podem se desenvolver todas as disposições originais da espécie humana.

A última proposição de Kant, fala de uma tentativa filosófica de elaborar a história universal do mundo, segundo um plano da natureza que vise à perfeita união civil na espécie humana. Confessa o autor, que aparentemente pode parecer um propósito estranho e absurdo

querer redigir uma história segundo uma idéia de como deveria ser o curso do mundo, se fosse adequado a certos fins racionais. Mais ainda, diz que pode parecer resultar num romance. Todavia ao verificar, segundo ele, que a natureza procede e assim fez desde os tempos antigos, com um plano e um propósito final, então a idéia pode se tornar útil e servir como um fio condutor para expor pelo menos em linhas gerais o que de outro modo seria um agregado sem planos das ações humanas. O ponto de vista central que Kant se apoia é a história dos helenos como início, pois na história helênica estão agregadas todas as outras histórias. Em uma nota referente a nona e última proposição, ele diz que fora deste público instruído: tudo é incógnita e que a história dos povos que viveram fora dele só pode começar no momento em que aí entraram. Assim sendo, a grande maioria dos povos somente fazem parte da história quando se relacionam com a cultura ocidental, com a cultura grega; ainda na referente nota, Kant cita o exemplo do povo judeu na época de Ptolomeu, que entrou para a história por meio da tradução da Bíblia para o grego; também cita uma passagem, onde Hume disse que a primeira página de Tucídides, é o único começo de toda verdadeira história. Ao analisar esta história então, descobrimos um curso regular de aperfeiçoamento da constituição política, e que cada Estado teve a sua contribuição e momentos de glória e elevação, mas que por meio dos vícios que estão ligados foram destruídos. Mas o importante é que sempre permaneceu um germe do Iluminismo que, desenvolvendo-se mais a cada revolução, preparou um grau mais elevado de aperfeiçoamento. Com isso se descobre um fio condutor da história humana, que pode servir para o esclarecimento e que abre uma perspectiva consoladora para o futuro, na qual a espécie humana se elevará finalmente, por seu trabalho, a um estado no em que todos os germes que a natureza colocou nela, poderão desenvolver-se plenamente e sua destinação aqui na Terra ser preenchida.

O que podemos perceber é que existe uma providência, o que Kant chama de uma força oculta da natureza em um momento; chama de criador sábio em outro, trata-se de uma teleologia, a história humana é guiada pela sabedoria da criação. Kant conclui com o que, segundo ele, deve ser naturalmente uma inquietação para cada um: como os nossos descendentes longínquos irão arcar com o fardo da história que nós lhes deixaremos depois de alguns séculos? Segue afirmando que a história será avaliada somente do ponto de vista daquilo que interessa para os que a estarão pensando no presente, ou seja: o que povos e governos fizeram de positivo e prejudicial de um ponto de vista cosmopolita. E prestar atenção nisto, bem como na ambição dos chefes de Estado e também na de seus servidores, para indicar-lhes o único meio em que sua lembrança gloriosa

possa ser levada a mais distante posteridade, pode fornecer, além disso, mais um pequeno motivo para a tentativa de tal história filosófica.

Bibliografia

Kant, Immanuel. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Brasiliense, 1986.

Kant, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Martin Claret. São Paulo, 2003.

Kant, Immanuel. *Que significa orientar-se no pensamento?* Martin Claret. São Paulo, 2003.

Kant, Immanuel. *Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”?* Martin Claret. São Paulo, 2003.

Kant, Immanuel. *Sobre um suposto direito de mentir por amor à humanidade*. Martin Claret. São Paulo, 2003.

Kant, Immanuel. *Crítica da Razão Pura* in: “Kant - Vida e Obra”, Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1996.

Armijos Palácios, Gonçalo. *Kant, o pequeno gigante* in: *Jornal Opção A-40*. Goiânia, 2004.

Caygill, Howard. *Coleção Dicionário Kant* in: *Coleção Dicionários de Filósofos*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.